

## **AUTISMO DE ALTO FUNCIONAMENTO- DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COGNITIVO NO CONTEXTO ESCOLAR**

**WAGNER, Joice Etiane Motta**

Acadêmica do curso de pedagogia da faculdade de ciências sociais e agrárias de Itapeva

**KAULFUSS, Marco Aurélio**

Docente da faculdade de ciências sociais e agrárias de Itapeva

### **RESUMO**

A inclusão da criança com autismo em escolas de ensino regular tem sido bastante discutida, devido às dificuldades apresentadas por elas quando inseridas no ambiente escolar. Ao tratarmos sobre o processo de inclusão escolar de crianças com autismo, logo pensamos sobre o papel do professor, visto que ele é o principal responsável enquanto mediador da aprendizagem dos alunos. Desse modo, esse artigo apresenta como problemática: A formação de professores para atuar na educação infantil também os torna aptos para o desenvolvimento do trabalho com crianças autistas? Com base nessa problemática, o presente artigo tem como objetivo investigar a formação do professor frente à inclusão de crianças com autismo na rede regular de ensino e a importância de se estabelecer uma boa relação entre o professor e a criança com autismo no sentido de garantir uma boa aprendizagem. Entendemos que quando um professor se depara com um aluno com TEA esse professor se assusta, sente medo e insegurança, pois sua realidade educacional e formação não oferece uma base sólida nos aspectos teóricos e práticos, de modo, que poucos professores possuem uma formação básica centrada e específica para o autismo, isso afeta a falta de compreensão acerca das necessidades para ensinar a criança com autismo.

Palavras-chave: Autismo, Formação do professor, Inclusão.

### **ABSTRACT**

The inclusion of children with autism in regular schools has been much discussed, due to the difficulties presented by them when inserted in the school environment. When we deal with the process of school inclusion of children with autism, we soon think about the role of the teacher, since he is the main responsible as a mediator of student learning. Thus, this article presents as

**REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS APLICADAS DA FAIT, v 9, n 1, dezembro, 2019.**

problematic: does the training of teachers to work in early childhood education also make them able for the development of work with autistic children? Based on this problem, this article aims to investigate teacher training in the inclusion of children with autism in the regular network of education and the importance of establishing a good relationship between the teacher and the child with autism in order to ensure a good learning. We understand that when a teacher encounters a student with TEA this teacher is frightened, afraid and insecure, because his educational reality and training does not offer a solid basis in theoretical and practical aspects, so that few teachers have a basic training centered and specific to autism, this affects the lack of understanding about the needs to teach the child with autism.

Words key: Autism, the teacher's Formation, Inclusion.

## 1. INTRODUÇÃO

A inclusão de crianças com autismo em escolas de ensino regular, vem se destacando, já que o número de crianças com autismo vem aumentando no Brasil, existe uma lei que ampara essa criança, mas só isso não basta para que haja a inclusão. Relataremos aqui sobre o papel do professor, destacando-o como mediador da aprendizagem frente à inclusão de crianças com autismo.

Segundo Souza (2009), Educar uma criança com autismo exige profundo conhecimento sobre suas principais características, seus comportamentos e crises mais frequentes, que áreas estão mais afetadas. O professor deve se preparar, acompanhar e avaliar o processo de ensino, ser mais flexível. Visando à obtenção de conhecimentos, para que assim ele possa transmitir seu conhecimento ao aluno.

Ao tratarmos sobre o processo de inclusão escolar de crianças com autismo, logo pensamos sobre o papel do professor, visto que ele é o principal responsável enquanto mediador da aprendizagem dos alunos. Desse modo, esse artigo apresenta como problemática: A formação de

professores para atuar na educação infantil também os torna aptos para o desenvolvimento do trabalho com crianças autistas? Com base nessa problemática, o presente artigo tem como objetivo investigar a formação do professor frente à inclusão de crianças com autismo na rede regular de ensino e a importância de se estabelecer uma boa relação entre o professor e a criança com autismo no sentido de garantir uma boa aprendizagem.

Pois os professores podem encontrar dificuldades de ordem pessoal ao se deparar com a criança com autismo no contexto da sala de aula. Além das dificuldades pessoais e possíveis preconceitos, os professores não são tecnicamente preparados para a atuação direta da criança autista no contexto da educação, além do currículo de formação dos professores que não contempla o assunto adequadamente.

Educar uma criança autista é uma experiência que leva o professor a rever e questionar suas ideias sobre desenvolvimento, educação normalidade e competência profissional. Torna-se um desafio descrever um impacto dos primeiros contatos entre este professor e estas crianças tão desconhecidas e na maioria das vezes imprevisíveis.

(BEREOHFF, 1991, s/pág).

Então, se faz necessário Identificar as dúvidas e os anseios que os profissionais da educação têm em relação a criança autista, e analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores com alunos com TEA sendo assim refletir como este processo pode ser superado tanto em sua vida pessoal e profissional.

Levantar na literatura a percepção docente quanto a sua preparação acadêmica para trabalhar com a criança com TEA.

O presente tema foi escolhido, pois a diariamente professores que se encontram com muitas dificuldades para trabalhar com crianças autistas. Por

isso dentro do trabalho é mostrado algumas atividades proposta, e o conhecimento aprofundado de como é o aluno com TEA, poder instigar no professor a vontade de aprender e de ensinar esse aluno.

## 2. Conceito histórico

Segundo Stelzer (2010), o psiquiatra Eugen Bleuler, usou pela primeira vez o termo “autismo” para descrever um quadro de esquizofrenia em 1908, em 1943 Leo Kanner, psiquiatra austríaco, que observou onze crianças que tinham em comum, isolamento, ecolalia, movimentos estereotipados, resistência a mudança de rotina, etc.. e com essa observação ele escreveu um livro “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” e usou o tema “autismo infantil precoce”, pois esses sintomas apareciam na primeira infância. Em 1944 Hans Asperger, psiquiatra e pesquisador austríaco, ele observou que tudo que Leo Kanner falou ocorria preferencialmente mais em meninos. Seu nome foi reconhecido como um dos pioneiros no estudo do autismo. A Síndrome de Asperger deve seu nome a ele. Já em 1952 – DSM-I – A Associação Americana de Psiquiatria publica a primeira edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais*. Esse manual fornece uma nomenclatura e critérios padrão para o diagnóstico de transtorno mental. Nesta primeira edição, sintomas autísticos semelhantes eram classificados como um subgrupo da esquizofrenia infantil. Autismo não era considerado como um diagnóstico separado. Durante a década de 50 houve muita confusão sobre o autismo, umas das crenças era causado por pais não emocionalmente responsivos a seus filhos.

No início dos anos 60, um crescente corpo de evidências começou a se acumular, sugerindo que o autismo era um transtorno cerebral presente desde

a infância e encontrado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnico-raciais investigados. Em 1978 – Michael Rutter – Classifica o autismo e propõe sua definição com base em quatro critérios: 1) atraso e desvio sociais não só como deficiência intelectual; 2) problemas de comunicação e novamente, não só em função de deficiência intelectual associada; 3) comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; e 4) início antes dos 30 meses de idade. Ao classificar o autismo, Michael Rutter cria um marco divisor na compreensão desse transtorno mental. Lorna Wing, psiquiatra inglesa, desenvolve o conceito de autismo como um espectro de condições na década de 1970 e, posteriormente, cunhou o termo síndrome de Asperger, numa referência à pesquisa de Hans Asperger.

Seu trabalho revolucionou a forma como o autismo era considerado, e sua influência foi sentida em todo o mundo. Como pesquisadora e clínica, bem como mãe de uma criança com autismo, ela sempre defendeu uma melhor compreensão e serviços para pessoas com autismo e suas famílias. A revista Lancet publicou um artigo do cientista inglês Andrew Wakefield, no qual ele afirmava que algumas vacinas, (sarampo, catapora e rubéola), poderiam causar autismo. Esses estudos foram totalmente desacreditados por outros cientistas e descartados. Em maio deste ano (2014), o cientista perdeu seu registro de médico. A revista Lancet também se retratou e retirou o estudo de seus arquivos pela falta de comprovação dos resultados sugeridos pelo cientista.

Nos últimos anos, mais de 20 estudos mostraram que, de fato, a associação da vacina ao autismo não tem fundamento. Recentemente, outro estudo publicado nos Estados Unidos, reforça estudos anteriores e demonstra que não existe evidência científica que comprove tal suspeita. Para chamar a atenção para esse transtorno e despertar o interesse da sociedade, em 2007 a ONU instituiu o dia 2 de abril – como o Dia Mundial da Conscientização do Autismo. “Esse ato, pelo seu simbolismo, abriu possibilidades para um maior diálogo entre as famílias, profissionais da área e os próprios indivíduos com autismo.

Com o lançamento da 5ª edição do DSM em 2013, os subtipos dos transtornos do espectro do autismo são eliminados.

Os indivíduos são agora diagnosticados em um único espectro com diferentes níveis de gravidade. O DSM-V passa a abrigar todas as subcategorias da condição em um único diagnóstico guarda-chuva denominado Transtorno do Espectro Autista – TEA. A Síndrome de Asperger não é mais considerada uma condição separada e o diagnóstico para autismo passa a ser definido em duas categorias: alteração da comunicação social e pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados. O autismo ainda não se tem uma causa definida e nem cura.

### **3. Critérios Diagnósticos**

De acordo com DSM V (2013), o critério para fechar um laudo de transtorno do espectro do autismo é: Deficiências persistentes na comunicação e interação social: Limitação na reciprocidade social e emocional, limitação nos comportamentos de comunicação não verbal utilizados para interação social, limitação em iniciar, manter e entender relacionamentos, variando de dificuldades com adaptação de comportamento para se ajustar as diversas situações sociais. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestadas pelo menos por dois dos seguintes aspectos observados ou pela história clínica, Movimentos repetitivos e estereotipados no uso de objetos ou fala, Insistência nas mesmas coisas, aderência inflexível às rotinas ou padrões ritualísticos de comportamentos verbais e não verbais Interesses restritos que são anormais na intensidade e foco, hiper ou hiporreativo a estímulos sensoriais do ambiente.

Os sintomas devem estar presentes nas primeiras etapas do desenvolvimento. Eles podem não estar totalmente manifestos até que a demanda social exceder suas capacidades ou podem ficar mascarados por



algumas estratégias de aprendizado ao longo da vida. Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente. E Esses distúrbios não são melhores explicados por deficiência cognitiva ou atraso global do desenvolvimento.

#### **4. O autismo no contexto escolar**

A inclusão da criança com autismo, não é uma coisa muito fácil, pois a escola e nem os professores estão preparados para receber esse aluno.

Na concepção de Pacheco, Eggertsdóttir e Marinósson (2007), uma escola deve preparar o ambiente de aprendizagem.

É direito do aluno com TEA, a frequentar regulamente uma escola, se a escola rejeitar essa matrícula, os pais podem entrar com seus direitos legais.

De acordo com a Declaração de Salamanca, (1994), declara que toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem escolar que tenha expectativas dos alunos, que seja seguro, acolhedor e agradável.

Toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas. Sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades. Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades. Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provêm uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional. (Declaração de Salamanca, 1994)

E a partir do momento que essa criança entra na escola, é dever da escola o acolher e se adaptar a esse aluno, já que será tudo novo para ele, pois a criança com autismo tem dificuldades em se adaptar a novas rotinas, e isso pode demorar e até que ela possa se adaptar, ela vai chorar se bater, se recusar a comer, fazer atividades, etc...

Mas isso faz parte do contexto dessa criança e devemos respeitar o seu tempo

## **5. A atuação do docente frente ao TEA.**

O papel do professor é tornar possível a socialização da criança com autismo na sala de aula e adequar sua teoria de trabalho para que se possa atender suas necessidades. Em muitas situações, as crianças com TEA não participam das atividades grupais ou até mesmo individuais, fato que exige do professor conhecimento e sensibilidade para incluí-lo com as crianças e fazer com que se sinta a vontade, pois somente com a criança se sentindo segura é que ela poderá se desenvolver e aprender melhor. É importante que o professor detecte as dificuldades existentes e investigue o porquê essa criança esta tendo dificuldades, para que dessa forma ele saiba quais aspectos devem ser trabalhados com a criança.

O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O aluno deve ser avaliado para colocá-lo num grupo adequado, considerando a idade global, fornecida pelo PEP-R, desenvolvimento e nível de comportamento. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas. (Santos 2008, p.30),

O professor deve conhecer todas as características e dificuldades que essa criança enfrenta. Para que com isso possa passar seu conhecimento ao aluno,



também deve descobrir o que essa criança vive fora da escola e tentar vivenciar suas experiências para que o aluno não seja vítima de atos discriminatórios.

É imprescindível que o educador e qualquer outro profissional que trabalhe junto à pessoa com autismo seja um conhecedor da síndrome e de suas características inerentes. Porém, tais conhecimentos devem servir como sustento positivo para o planejamento das ações a serem praticadas e executadas.  
(Orrú 2003, p.1)

Lopez (2011) atribui o papel do professor como o mediador, ela o define como aquele que no processo de aprendizagem favorece a interpretação do estímulo, chamando a atenção para seus aspectos cruciais, atribuindo significado à informação concebida, possibilitando que a mesma aprendizagem de regras e princípios sejam aplicados às novas aprendizagens. Além de estudar e analisar o desenvolvimento da criança autista, o professor tem que tornar a sala de aula um ambiente inclusivo, e acolhedor, possibilitando à criança o conhecimento.

O *medo* que os educadores possuem no contexto da inclusão escolar é associado com o desconhecido, que foge dos padrões que atuam, por na maioria das vezes não possuem conhecimento de fato sobre o transtorno autista, baseiam-se apenas no senso comum e acabam estabelecendo associações erradas sobre as características do autismo dificultando ainda mais a aproximação do professor e aluno (BRASIL, 2006).

A inclusão é um processo que exige mudanças para de fato atender as necessidades das pessoas deficientes, mas ainda é grande a dificuldade de inclui-los de modo correto e eficaz. O número superior de crianças em sala de aula, a ausência de profissionais especializados, o despreparo da equipe escolar, inclusive do professor e seu receio de sair da sua zona de conforto, a falta de material e recursos apropriados para as especificidades dos alunos com TEA dificultam esse processo (ALVES, NEVES, SOUZA, 2015).

Contudo para uma efetiva inclusão dos alunos autistas a formação de toda a equipe escolar como professores, diretores e funcionários que farão parte desse processo são fundamentais para ter conhecimento sobre como agir e se adaptar as características do autismo, suprimindo suas necessidades conforme seu desenvolvimento de modo que minimizem as dificuldades que possuem ao longo de seu crescimento (MARTINOTO, 2012).

## **6. MATERIAL E MÉTODOS**

Este trabalho foi elaborado para a conclusão do curso de pedagogia, da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva/SP, constitui-se da metodologia da pesquisa bibliográfica.

Foram realizadas buscas de materiais bibliográficos para a fundamentação teórica do trabalho, por meio de leitura de livros, artigos e pesquisas nos sites Google Acadêmico e Scielo.

## **7. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De acordo com Freitas, Mangueira e Marques (2014) o processo educacional é um fator fundamental para o desenvolvimento dos alunos autistas. Para Pasqualini (2010) a educação proporciona experiências sociais para crianças com TEA minimizando as dificuldades que possuem em se relacionar e se comunicar com outras pessoas, principalmente quando inserida o mais cedo possível na escola.

A aprendizagem de um aluno com o TEA pode ser um pouco lenta em relação aos demais. Mas isso não faz com que ele seja considerado impossibilitado de aprender, só precisa de profissionais que busquem uma formação e se dediquem para tornarem-se aptos a trabalhar. (BEZERRA, 2014)

As elaborações das atividades, que deverão ser feitas pelo professor, são de acordo com o desenvolvimento do aluno. O aluno com TEA (Transtorno do

Espectro do Autismo) tem o cognitivo prejudicado, no entanto os materiais devem ser organizados em etapas de maneira facilitadora para compreensão. (LEON; OSÓRIO, 2011)

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor enfrenta dificuldades quando colocam uma criança com TEA em sua sala e não dão suporte algum a esse professor, quando isso acontece o professor não sabe o que fazer, pois não foi preparado nem fisicamente e mentalmente para atuar com essa criança. Entendemos que quando um professor se depara com um aluno com TEA esse professor se assusta, sente medo e insegurança, pois sua realidade educacional e formação não oferece uma base sólida nos aspectos teóricos e práticos, de modo, que poucos professores possuem uma formação básica centrada e específica para o autismo, isso afeta a falta de compreensão acerca das necessidades para ensinar a criança com autismo. Os caminhos para poder superar essas dificuldades apontadas á cima é que se deve buscar novos conhecimentos para poder ajudar, conhecer de perto o aluno e sua família, conversar com seus profissionais que já o acompanham a algum tempo e ver a melhor forma de trabalhar com essa criança.

Depois de feito isso, colocar tudo em pratica e ver os resultados, e os ganhos que foram obtido com essa criança e ver que tudo valeu a pena, pois aquela criança que chegou com medo, insegura, já não existe mais, agora ela é sua amiga e da mesma forma o professor ele também já se tornou outra pessoa, já que o aluno o ensinou que ele também pode romper barreiras através de seu conhecimento e busca incessante.

O processo de inclusão é sim possível, desde que haja comprometimento e envolvimento por parte do professor, uma boa formação pedagógica, além de apoio escolar e familiar.



Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva  
Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva - FAIT

*Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT*

ISSN 1806-6933

## Referências

ALVES, Márcia M. C.; SOUZA, Rita de C. S.; NEVEZ, Charles G. B. **A Criança Autista No Mundo Chamado Escola**. Encontro Internacional de Formação de Professores, v. 8, n. 1, Tiradentes, 2015. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br>.

BEREOHFF, A. M. P. Autismo: Uma visão multidisciplinar. São Paulo: GEPARI, 1991.

BEZERRA, R.S. **A inclusão de alunos com autismo na escola regular: Desafios e perspectivas**. 2014. 45f. Dissertação ( Trabalho de conclusão de curso). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande 2014.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA (1994) Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais.

SM-5 / [American Psychiatric Association, tradução . Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli... [et al.]. - . e . Porto Alegre: Artmed, 2014. xlv, 948 p.; 25 cm.

FREITAS, Amanda L.; MANGUEIRA, Ana C. S.; MARQUES, Elaine C. S. **O papel do pedagogo no desenvolvimento da criança autista no Centro de referência municipal de Inclusão para pessoa com deficiência**. Universidade federal da Paraíba, 2014. Disponível em: <http://rei.biblioteca.ufpb.br>.

LEON, V, C; OSÓRIO, L. O método TEACCH. In: SCHWARTZMAN, J.S; ARAÚJO, C.A. (Org). **Transtorno do espectro do autismo**. São Paulo: Memnon, 2011. p. 263 - 277.

ORRÚ, S. E. A Formação de Professores e a Educação de Autistas. Revista Iberoamericana de Educación (Online), Espanha, v. 31, p. 01-15, 2003.

PASQUALINI, Juliana Campregher. **O papel do professor e do ensino na educação infantil: a perspectiva de Vigotski, Leontiev e Elkonin**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org>.

SANTOS, A. M. T. dos. Autismo: desafio na alfabetização e no convívio escolar. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Distúrbios de Aprendizagem). Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem (CRDA), São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.crda.com.br/tccdoc/22.pdf>>.

Stelzer, F. G. Uma pequena história do autismo, São Leopoldo/RS (2010)

SOUZA. M. M. C. Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas-Fapeam 3 a 6 de novembro de 2009 - Londrina – Pr.